



## **Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo<sup>1</sup>**

Fábio Henrique Pereira<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília

### **Resumo**

O artigo discute a aplicação do conceito de carreiras profissional nos estudos de sociologia dos jornalistas. Carreiras são seqüências típicas de estatutos, papéis e honrarias na qual uma profissão é cronologicamente definida. Uma análise exploratória da trajetória de cinco assessores imprensa é apresentada. Ela permite entender como atores sociais organizam seus percursos para antecipar as formas de engajamento possíveis em um mundo social. A seguir discute-se a questão da objetivação e validação dos dados gerados por meio da análise de carreiras profissionais. Sugere-se a utilização de mecanismos de agregação qualitativa, produção de categorias pela comparação de diferentes trabalhos de campo e a conexão dos estudos sobre carreiras com as interações coletivas produzidas no mundo social.

### **Palavras-chave**

Carreira profissional; jornalista; identidade; sociologia profissional; jornalismo.

### **1 – Introdução**

Nos últimos anos, observamos uma renovação no interesse pelos estudos de sociologia profissional dos jornalistas com o aparecimento de novos objetos de pesquisa. A utilização desse enfoque tem servido de base para entender como se configura, por exemplo, o perfil do profissional multimídia ou multitarefas em contextos de convergência ou integração de redações (JORGE E PEREIRA, 2009). Observa-se também a profusão de estudos sobre o estatuto e identidade profissional do assessor de imprensa (SILVEIRA, 2010) e do jornalista que atua em mídias corporativas (GONÇALVES, 2010, SANT'ANNA, 2009) no sentido de compreender como ele se insere (ou deve ser inserido) no espaço profissional (ADGHIRNI, 2006).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação, professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, integrante do grupo de pesquisa 'Mudanças Estruturais no Jornalismo, registrado no DPG/CNPq, e-mail: [fabiohp@gmail.com](mailto:fabiohp@gmail.com).



Alguns pesquisadores passaram a se interessar pelo exercício do jornalismo por outros grupos sociais, como blogueiros (ADGHIRNI, 2008) e praticantes de modalidades de “jornalismo cidadão”. Nesse sentido, busca-se compreender como isso alterar o modo como jornalistas negociam suas identidades profissionais. Finalmente, a queda do diploma em jornalismo como requisito obrigatório para exercício da profissão gerou uma série de debates e de estudos sobre regulamentação profissional e os fenômenos da precarização do estatuto do jornalista, utilizando, nesse caso, abordagens da sociologia das profissões e da sociologia do trabalho.

Esse novo olhar sobre o perfil do jornalista se ancora na possibilidade de conectar, a partir da sociologia profissional, estudos sobre indivíduos e grupos sociais e a elaboração de generalizações aplicáveis à atividade midiática ou mesmo a outros fenômenos sociais – como análises de processos de negociação identitária ou pesquisas sobre mudanças no mercado de trabalho. Contudo, essa ambição depende da capacidade de sistematização de conceitos e metodologias, de modo que o estudo do grupo de jornalistas não se limite apenas a considerações de caráter descritivo ou normativo.

A proposta deste artigo é a de discutir a aplicação da noção de carreira profissional no estudo do jornalismo. Acreditamos que o conceito permite conectar as trajetórias individuais e coletivas de jornalistas a processos de definição de normas e convenções que explicam e definem os modos de acesso, ascensão, estagnação, mudança ou exclusão dos praticantes do jornalismo. Ou seja, remete à questão identitária e da prática profissional. Aborda, para isso, a processualidade social, sem necessariamente ensaiar uma resposta definitiva à pergunta: “quem/o quê é o jornalista?”.

Nossa perspectiva está ancorada, nos estudos da Escola de Chicago e do interacionismo simbólico e em uma abordagem etnográfica e qualitativa. As carreiras integram mundos sociais, estruturados em redes de cooperação onde se empreendem interações simbólicas envolvendo atores, grupos sociais, objetos, instituições, conceitos e abstrações (STRAUSS, 1992; BLUMER, 1982). Mas o conceito de carreiras profissionais, também costuma ser apropriado com certa recorrência por outras tradições teóricas, como o funcionalismo e a pesquisa bourdieusiana – nesse caso, ver as revisões de estudos feitas por Hughes (1960) e Darmon (2008), bem como a parte da bibliografia citada neste artigo.

Dividimos esta comunicação em três partes. A seguir, será apresentada uma definição de carreira profissional, complementada com uma revisão de estudos sobre a



utilização do conceito em pesquisas sobre jornalismo. Na segunda parte, faremos uma análise exploratória de sua aplicação no estudo das trajetórias de assessores de imprensa. Finalmente, trataremos, de questões ligadas à validação e objetivação de dados gerados em estudos sobre carreiras profissionais.

## **2 – Em torno do conceito de carreiras profissionais**

De modo geral, os autores definem a noção de carreira como a uma seqüência típica de estatutos, papéis, honrarias na qual uma profissão é cronologicamente definida (TRÉANTON, 1960). Seriam “movimentos de uma posição para outra num sistema ocupacional, realizadas por qualquer indivíduo que trabalhe dentro desse sistema” (BECKER, 2009, p. 35). As carreiras estabeleceriam padrões de comportamento que se desenvolvem de forma ordenada no tempo.

Uma carreira comporta evidentemente uma dimensão individual. Ela descreve os avanços que os atores fazem com o objetivo de conseguir uma posição de maior prestígio no interior no mercado de trabalho (HUGHES, 1960). A escolha por determinadas carreiras poderia, portanto, ser atribuída aos benefícios associados à profissão, como estabilidade e capacidade de ascensão (TRÉANTON, 1960). Por outro lado, as decisões também são motivadas por outras razões, resultado direto das vivências individuais (por exemplo: pressão familiar, busca por qualidade de vida, afinidade com a profissão, vocação, etc.). Em uma análise sobre trajetórias individuais, esse processo de interpretação das experiências passadas é evidenciado na forma como as pessoas reconstróem suas carreiras, atribuindo sentido a estatutos, ações e eventos anteriores (BECKER, 2009).

Ao mesmo tempo, as carreiras profissionais são fenômenos coletivos e estruturantes. Ao orientar suas escolhas, antecipando os mecanismos de ascensão previstos em uma carreira profissional, os indivíduos interagem com outros espaços sociais e com um conjunto de normas e convenções que definem uma determinada atividade. “Cada carreira se imbrica em uma rede de carreiras. É preciso ver nisso um estímulo à ambição e também um instrumento capital de previsão da organização da



empresa e do interesse individual por meio do esforço e do sucesso coletivo<sup>3</sup>” (TRÉANTON, 1960, p. 78).

No limite, o estudo das carreiras prevê a compreensão dos processos de definição de normas (Becker, 2009) pelo grupo profissional responsável por organizar o espaço laboral (HUGHES, 1960) e também por outros setores da sociedade que, de alguma forma, intervêm nos processos de definição de uma prática profissional, como, por exemplo, os legisladores, as instituições de ensino, as empresas etc. Carreiras profissionais são também delimitadas por fatores ainda mais gerais, como a previsão de crescimento econômico ou o progresso técnico de determinada sociedade (TRÉANTON, 1960).

Essa dupla vinculação – individual e coletiva – permite situar os estudos sobre carreiras como algo mais do que uma simples descrição de trajetórias (DARMON, 2008). A partir da análise de experiências individuais é possível compreender como atores sociais negociam estatutos, normas e definem as formas de colaboração possíveis em um mundo social.

## **2.1 – Carreiras profissionais no jornalismo: uma revisão de estudos**

Faremos uma revisão dos estudos sobre a carreira jornalística. O objetivo é partir dessas pesquisas para discutir alguns pressupostos aplicáveis ao estudo dos jornalistas. Os trabalhos apresentados a seguir analisam o grupo profissional a partir de vários interesses e perspectivas teóricas, o que remete à capacidade de adaptação do conceito de carreira profissional a objetivos de pesquisa distintos.

Existe um consenso na maioria das pesquisas revisitadas sobre a dificuldade em compreender o jornalismo a partir de uma única trajetória, tendo em vista a diversidade de estatutos que integram a ocupação de jornalista. “De forma alguma (...) existe uma seqüência de carreira rotineira e organizada. Isso é verdade na medida em que possibilita uma variedade de metas de carreira<sup>4</sup>” (ELLIOT, 1977, p. 144). Um jornalista pode atuar em uma redação, em reportagem e edição, mas também em gêneros opinativos ou em funções mais administrativas. Pode também atuar majoritariamente como empreendedor ou freelancer. Pode ocupar cargos na área de comunicação

---

<sup>3</sup> No original: “Chaque carrière s’imbrique dans le réseau entier des carrières. Il faut voire là un stimulant pour l’ambition mais aussi un instrument capital de prévision d’organisation de l’entreprise et d’intérêt individuel à l’effort et au succès collectifs”. Todas as traduções foram feitas pelo autor.

<sup>4</sup> “In no case (...), there is a routinized and organized career route. This is true in the sense that a variety of career goals are possible”.



corporativa e assessoria de imprensa ou atuar na universidade, como professor de jornalismo.

Os estudos analisados também convergem na ideia de que os mecanismos de ingresso e a ascensão no jornalismo parecem depender mais da competência e do talento do que da formação acadêmica. Apesar da multiplicação do número de egressos de cursos superiores de Jornalismo, haveria uma cultura profissional relativamente estável, fundamentada em um discurso do jornalista como *self-made man* (FRITH e MEECH, 2007). Os jornalistas começariam de baixo e construiriam sua carreira pelo reconhecimento do talento e competência, o que permitiria conquistar posições de prestígio na carreira profissional (ELLIOT, 1977). “Na valorização profissional pesa mais sua experiência profissional, especialização e outros complementos do que sua formação acadêmica em jornalismo” (ROCHA, 2005, p 05). Assim, se adotamos uma perspectiva bourdieusiana, é possível dizer que a ascensão no interior da carreira jornalística residiria mais no acúmulo de capital político e social – rede de relações com os pares e com as fontes de informação – do que na aquisição de capital cultural e intelectual (PETRARCA 2008; SANTOS-SAINZ; 2006; RIEFFEL, 1984).

Outro aspecto comum nos estudos revisados é a recorrência de análises sobre a formação dos jornalistas e os mecanismos de ingresso no mercado de trabalho. Ou ainda os estudos sobre o perfil das elites da profissão.

Em um levantamento rigoroso sobre o mercado de trabalho na França, Dominique Marchetti e Denis Ruellan (2001) destacam o crescimento do processo de precarização, sobretudo na base do jornalismo, cujo admissão é feita majoritariamente por meio de estágios, contratos temporários de trabalho ou a contratação como freelancers. Segundo os autores, embora a “paixão pela profissão” ainda seja valorizada na contratação, a gestão do ingresso na carreira profissional passa a ser cada vez mais definida pelos setores de recursos humanos das empresas.

Marchetti e Ruellan dividem o ingresso na carreira jornalística em dois grandes campos de atuação: a) na imprensa generalista, em que se dá preferência aos egressos dos cursos de jornalismo ou profissionais de outras áreas que possuam curso superior ou especialização; b) na imprensa especializada, onde se contratam profissionais de outras áreas do conhecimento que possuam formação avançada (não é incomum encontrar profissionais com doutorado). Os resultados da pesquisa mostram que é cada vez menos frequente a construção de carreiras dentro de uma mesma empresa jornalística. E que as



trajetórias profissionais dirigem-se à prática de um jornalismo mais “sentado” (editor, colunista, comentarista) por conta da idade e vida familiar ou, em alguns casos, para a produção de grandes reportagens.

Frith e Meech (2007) analisam os impactos do aumento de graduados em jornalismo nas carreiras e na cultura ocupacional. Os autores desenvolvem uma investigação exploratória e aplicam um questionário a 44 jornalistas escoceses, com idades entre 23 e 45 anos. Eles observam que, apesar de as mudanças de emprego serem relativamente freqüentes, a maioria dos pesquisados continua permanecendo trabalhando em redações jornalísticas. “Embora seja óbvio que os nossos entrevistados tenham várias áreas de emprego não-exploradas pela frente, os dados relativos aos primeiros estágios de suas carreiras indicam um grau de estabilidade maior do que o esperado<sup>5</sup>” (FRITH e MEECH, 2007, p. 150).

Os autores reconhecem que a cultura ocupacional ainda define o sucesso na carreira a partir do reconhecimento do talento individual. O próximo passo, segundo eles, seria compreender como os jornalistas acumulariam capital reputacional com o objetivo de manter o emprego ou ascender profissionalmente.

Em um estudo já clássico sobre a elite de jornalistas na França, Rémy Rieffel (1984) conclui que as relações sociais se constituem no principal fator de legitimação do grupo. Essas relações introduziriam o jornalista nas altas esferas do *establishment* político. Além disso, a busca pelo reconhecimento como intelectual tornou-se uma escolha recorrente na carreira dos membros da elite de jornalistas francesas. Segundo o autor, 92% dessas pessoas já haviam publicado um livro, o significaria um processo de conversão da credibilidade adquirida no campo jornalístico para o intelectual.

Anos mais tarde, Santos-Sainz (2006) realizou um estudo semelhante também na França, com o objetivo de investigar as mudanças no perfil da elite de jornalistas. A autora constatou que a elite teria ficado mais restrita em sua composição: um pequeno grupo de jornalistas sediados em Paris concentraria grande influência sobre o meio profissional. O grupo consiste de jornalistas que escrevem opinião (cronistas, colunistas e comentários políticos) e de ocupantes de cargos de chefia (31,7% deles trabalham como editores ou diretores de redação). Em geral, os membros da elite possuem formação acadêmica em uma escola renomada ou uma origem social abastada, o que

---

<sup>5</sup> “While it is obvious that our respondents have many uncharted areas of employment ahead of them, the data concerning the early stages of their careers indicate a higher degree of stability than might perhaps have been anticipated”.



possibilitaria a construção de redes de influência, sobretudo no meio político. A autora também chama a atenção para o acúmulo de “tribunas” pelos membros da elite – ou seja, a intervenção de um mesmo jornalista em vários veículos – como forma de assegurar visibilidade.

Ao investigar a carreira de jornalistas que ocupam as posições de chefia, Petrarca (2008) destaca o processo de conversão de recursos adquiridos em outros espaços sociais – sobretudo militância política e sindical – como forma de adquirir sucesso no jornalismo. Ao reconstruir a trajetória desses indivíduos, a autora conclui que a militância não é vista como uma atividade acidental ou um desvio na carreira profissional, mas como uma forma de aprendizagem e qualificação do jornalista, um saber social valorizado na profissão.

Em um estudo semelhante, sobre a identidade dos jornalistas-intelectuais brasileiros, profissionais que se dividem entre a redação e a atuação na literatura, universidade e militância política, analisamos a reconstrução de histórias de vida, por meio de narrativas orais. Nesse caso, a gestão das carreiras seria uma forma de interpretar e justificar um conjunto de escolhas – ingressar em um jornal ou em uma universidade, engajar-se politicamente, escrever um livro – tomadas pelo entrevistados no decorrer de suas vidas. Ao mesmo tempo, as carreiras são situadas em contextos de interação com diferentes atores (jornalistas, fontes, públicos, empresários, intelectuais, Estados, editores e críticos literários), processo que delimita as trajetórias individuais e explica, em parte, a construção da reputação de um jornalista-intelectual (Pereira, 2008).

Para encerrar esta seção, citamos uma pesquisa exploratória sobre a feminização da carreira de jornalistas, conduzida por Rocha (2005). A professora explica que o crescimento das mulheres que integram os quadros da profissão – de 36% em 1986 para 40,62% – não resultou em maior prestígio ou reconhecimento no meio jornalístico. O processo de feminização teria ocorrido em áreas novas ou menos prestigiadas, como revistas, televisão, agências e setores extra-redação. Além disso, a autora cita dados do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo, que mostram que, em 2000, as mulheres ainda recebiam 5,09% a menos que os homens. Uma das conclusões do estudo é que o processo de extratificação no interior de uma profissão também é resultado de uma competição interna entre os membros do grupo em que entram em jogo critérios como gênero, religião, etnia e cultura de classe.



### 3 – Um estudo exploratório sobre carreiras profissionais no jornalismo

Nesta terceira parte, faremos uma análise da trajetória de cinco profissionais, na época contratados de uma assessoria de imprensa no setor governamental. Os dados foram gerados por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas em 2005, no âmbito de uma pesquisa sobre as relações entre jornalistas e assessores na cobertura do noticiário político. Os trechos dos depoimentos utilizados para analisar as carreiras dos entrevistados, entretanto, eram inéditos.

Destacamos o caráter exploratório desta análise produzida a partir de um número reduzido de informantes. Busca-se discutir as possibilidades de uso do conceito. A intenção é operacionalizá-lo em outra ocasião em uma pesquisa mais ampla sobre as carreiras profissionais no jornalismo.

#### 3.1 – Carreiras e estatutos profissionais nas assessorias de imprensa

Não temos a intenção de revisar aqui todas as pesquisas sobre as práticas e a identidade do assessor de imprensa no Brasil. Existe uma bibliografia bastante razoável sobre o tema<sup>6</sup>. De modo geral, tais estudos se concentram na descrição de práticas e competências associadas a essa atividade. Ou buscam situá-las como pertencentes ao campo do jornalismo, das relações públicas, da comunicação organizacional etc. Trabalham, portanto, a partir de uma perspectiva sociológica ou sócio-histórica – em alguns casos com um forte viés normativo – procurando compreender qual seria o verdadeiro papel do jornalista e do assessor de imprensa.

No caso desta breve análise, trataremos dos fatores que explicariam o percurso rumo ao status de assessor de imprensa. Como elas negociam esse estatuto? Como adquiririam, no âmbito da carreira profissional, as competências necessárias ao exercício do trabalho de assessoria?

---

<sup>6</sup> Sobre o assunto, ver: ADGHIRNI, Z. L. O jornalismo híbrido em Brasília: relações dúbias entre jornalistas, fontes e assessorias de comunicação. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO LUSÓFONA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 6., 2004, Corvilhã (Portugal). **Anais...** Lusocom, 2004. CD-ROM; ADGHIRNI, Z.L.. O jornalismo entre a informação e a comunicação: como as assessorias de imprensa agendam a mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM; CASTANHO, V. Assessoria de Comunicação na iniciativa privada, na área pública e no terceiro setor. **Comunicação e Espaço Público**, Brasília, Ano VI, p.195-206, 2003; MARCONDES FILHO, C. **Comunicação & Jornalismo**. A Saga dos Cães Perdidos. São Paulo: Hacker, 2000; NÉVEU, E. **Sociologie du journalisme**. Paris : La Découverte, 2001; PEREIRA, F. H. As relações entre jornalistas e assessores de imprensa na Presidência da República: disputa ou cooperação?. **Comunicação & Política**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 41-56, 2006.; RUELLAN, D. A roupa justa do jornalista: O estatuto profissional à prova da jurisprudência. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 13., 2004, São Bernardo. **Anais...** Compós, 16 p.





O nosso corpus é composto por dois homens (E1 e E4) e três mulheres (E2, E3 e E5). Um deles (E1) ocupava um cargo de chefia na ocasião da entrevista e outros dois (E2 e E4), de chefia intermediária. A maioria dos entrevistados (E2, E3 e E4) possuem formação em Jornalismo, mas E5 é formada em Letras. E1 possui graduação em Ciências Sociais, mestrado e doutorado em Ciência Política. Todos tinham atuado na área de comunicação (jornalismo ou assessorias) antes de ingressarem na assessoria.

Em trabalhos anteriores, já havíamos destacado o papel dos pares jornalistas na construção das reputações e nas escolhas realizadas no âmbito das carreiras profissionais (PEREIRA, 2008). Ou seja, é comum que o jornalista descreve em seu depoimento que chegou ao veículo X por recomendação ou convite de um colega. Esse também parece ser o caso dos assessores de imprensa investigados, pois o setor em que atuava teve o cujo quadro preenchido majoritariamente por indicação. A diferença está no fato de essa rede de relacionamentos também se estender ao mundo da política como no caso de E1, indicado por um jornalista que partilhava sua rede de militância. E de E4, que chegou à assessoria por convite de E1. *“Tinha estudado comigo Ciências Sociais, seguiu carreira, fez mestrado e doutorado e eu fiz jornalismo. Ele estava precisando de um jornalista, me convidou e eu aceitei”*.

É difícil avaliar a importância da formação em jornalismo na carreira dos assessores analisados. Mesmo que três pessoas tenham feito curso superior na área, em nenhum momento os conhecimentos adquiridos na universidade foram mencionados como fundamentais para a prática profissional. Por outro lado, todos os entrevistados – mesmo os que não possuíam formação em jornalismo – destacaram que era que ter trabalhado em uma redação se constituía quase em um pré-requisito para a atuação em assessorias de imprensa. Os argumentos, nesse caso, giravam em torno da ideia de que “é importante conhecer o funcionamento do jornalismo para poder lidar com jornalistas”. Pode ser exemplificado pela fala de E3: *“Acho importantíssimo que um assessor de imprensa tenha passado pelo mercado. Porque senão ele vê as coisas muito teoricamente [...]. O cara tem que ter passado pelo mercado para entender como é que as coisas funcionam”*.

Destacamos também o depoimento de E1, que associa suas competências como assessor a uma formação prática, adquirida junto a dois colegas, jornalistas experientes, que atuaram como seus “professores”: *“Estou há dois anos e meio fazendo isso. Eu tive dois grandes professores. Eu tive uma escola, me preparei para o cargo. Posso não ser o melhor, mas me preparei”*.

Esse quadro nos permite levantar dois pontos de discussão. Primeiro, a formação em Jornalismo parece ter sido superestimada na hora de explicar a mobilidade no interior da carreira profissional, sobretudo como pré-requisito para o exercício de atividades de assessoria de imprensa. Nossa hipótese é que as assessorias reproduzem a cultura das redações de que “o jornalismo se aprende na prática”, de modo que a experiência laboral torna-se fundamental na seqüência da carreira em direção ao estatuto de assessor de imprensa.

A segunda conseqüência está ligada à ideia de que o ingresso em uma assessoria representaria uma ruptura em termos de carreira profissional no jornalismo, ou seja, a concepção de que o assessor é o jornalista que passou para o outro “lado do balcão”. A análise aponta para o fato de que escolha pelo estatuto de assessor e é vista como normal em termos de mobilidade no interior da carreira jornalística.

Ao descreverem suas trajetórias, os entrevistados tendem situar dentro de uma mesma seqüência experiências em redação e assessorias. As competências adquiridas nas duas atuações são vistas como cumulativas, sem aparentarem contradições ou retrocessos em termos das trajetórias profissionais.

O modo como dois entrevistados descrevem cronologicamente suas trajetória ilustra bem esse aspecto. E2 se define como uma profissional “de comunicação” e acredita que as mudanças de estatuto representam modalidades de ascensão em sua carreira, não de ruptura:

*“E nunca consegui me imaginar fazendo outra coisa a não ser comunicação. Comecei fazendo estágio na Radiobrás [atualmente Empresa Brasil de Comunicação – EBC]. Fiquei dois anos na Radiobrás, trabalhei no Programa Revista Nacional do Walter Lima, na parte de produção, fui repórter também (...). Depois disso, trabalhei no Jornal de Brasília. E, depois, trabalhei numa revista de turismo, publicada por um grupo de assessoria de comunicação em São Paulo, que fazia revistas para os governos do Estado. Depois disso, fui chamada para trabalhar na área de comunicação da Caixa [Econômica Federal]. Foi quando comecei a descobrir a questão da comunicação empresarial (...). Acabei deixando de lado essa coisa de redação, do repórter e passei me focar mais na comunicação empresarial”.*

No caso da entrevistada E5, que não possui diploma em Jornalismo, a mudança de estatuto talvez tenha acontecido por ocasião do ingresso em uma empresa de comunicação. A partir daí, a carreira jornalística também segue de forma linear: “Sou formada em Letras e entrei para o mundo da imprensa, a partir do momento em que eu



*entrei para a Radiobrás e comecei a trabalhar em rádio. Comecei organizando o setor de pesquisa para orientar a produção para rádio. Depois acabei indo para a produção de rádio, gerências de rádio, fui diretora de programação de jornalismo da Radiobrás. E, depois disso, nunca mais saí da área de jornalismo”.* (Grifo nosso)

Nossa percepção é de que, no caso dos cinco entrevistados, a atuação em assessorias de imprensa é suficientemente previsível no contexto de uma carreira jornalística para que sua reconstrução nos depoimentos apareça como parte de uma seqüência lógica da profissão, sem representar, de fato, uma ruptura. Existe, claro, uma mudança estatutária – porque jornalista e assessor ainda se colocam como estatutos diferentes – mas a essa adaptação ao novo status mais reforça compromissos com as convenções do mundo dos jornalistas do que rompe com esses padrões.

A verdade é que o ingresso de jornalistas em atividades de comunicação organizacional não implica num processo de iniciação, nem de constituição de um grupo social que partilhe dessa carreira específica – observações anteriores mostram que as trajetórias de jornalistas e assessores de imprensa são geralmente bastante porosas. Por outro lado, seria, no mínimo, leviano, dizer que jornalistas e assessores são a mesma coisa. Ou que essa porosidade signifique incorporar a prática das assessorias ao território profissional dos jornalistas – e, no limite, excluir estatutos concorrentes, como relações públicas, publicitários e comunicadores organizacionais. Isso, na verdade, apenas reforçaria a retórica dos próprios jornalistas interessados no monopólio desse mercado de trabalho.

O que a análise das carreiras permite compreender é como a recorrência de alguns percursos dentro de uma estrutura social permite falar em estabilidade do estatuto de assessor na carreira do jornalista. Reforça a ideia da assessoria como uma atividade viável para praticantes do jornalismo e permite que eles organizem suas trajetórias no sentido de antecipar essa possibilidade – mesmo que seja para dizer, “existe esse caminho, mas não é o ideal ou o desejável”. “Na medida em que as experiências e suas interpretações são socialmente estruturadas, o desenvolvimento de identidades também o é<sup>7</sup>” (STRAUSS, 1992, p. 106).

Esse último ponto nos remete à questão da valoração de uma carreira profissional, ou seja, saber se a pessoa está satisfeita ou não, se classifica sua posição em termos de sucesso/fracasso. Infelizmente, esse aspecto não aparece de forma clara

---

<sup>7</sup> “Dans la mesure où les expériences et leurs interprétations sont socialement structurés, le développement des identités l’est également”.



nos depoimentos. Alguns mencionam brevemente o status atual como um momento importante da carreira pela possibilidade de uma atuação política ou cidadão. Contudo, seria impossível fazer inferências a partir dos dados disponíveis.

Além disso, é preciso considerar uma dimensão coletiva que não foi abordada nesta análise exploratória. Está ligada aos mecanismos de rotulação de uma carreira por diferentes membros do mundo social. Se existe tensão em torno da carreira de assessor de imprensa – porque as pessoas ainda discutem se um assessor é jornalista ou não – isso remete a um interdiscurso que visa definir essa prática. Caberia, nesse sentido, investigar como essa possibilidade de carreira é interpretada dentre os membros de grupos profissionais concorrentes, na universidade, nas organizações que empregam jornalistas e assessores, nas entidades de classe, junto aos diferentes públicos.

O limite da análise feita até aqui aponta justamente a último ponto que merece ser discutido nesta comunicação. Como sair do aspecto descritivo das carreiras e avançar na compreensão do mundo dos jornalistas? Como tratar os problemas de validação e objetivação de dados?

#### **4 – Sobre validação e objetivação dos dados**

O estudo das carreiras profissionais se centra em trajetórias e comportamentos individuais. Coloca em evidência a forma como os profissionais antecipam as formas de engajamento possíveis em um determinado mundo social. Por outro lado, ambiciona explicar fenômenos mais amplos como, por exemplo, o processo de criação, manutenção e mudança da base convencional. Nesse caso, como fazer com que pontos de vista particulares dialoguem com contextos coletivos?

A questão não é exclusiva à aplicação do conceito de carreiras profissionais, ela perpassa, na verdade, toda pesquisa empírica em Ciências Sociais. Não faria sentido, retomar argumentos de ordem metodológica e epistemológica em defesa de uma determinada dialética indivíduo e sociedade. O que faremos aqui é apontar algumas estratégias que permitem produzir inferências a partir de dados gerados por meio da análise das carreiras profissionais.

Darmon (2008) defende que a análise de das carreiras deve seguir o regime de objetivação característico à perspectiva do interacionismo simbólico. Busca agregar as idiossincrasias encontradas nos discursos gerados, com o objetivo de remetê-las a explicações de ordem coletiva. Fazendo referência a Everett Hughes, o autor sugere a



generalização de resultados seja feita por meio da agregação qualitativa de várias carreiras. A triangulação de um número expressivo de experiências individuais permitira, segundo o autor, multiplicar os pontos de vista sobre o fenômeno e encontrar elementos em que ele aparece objetivado.

Outra alternativa citada por Darmon seria a comparação de diferentes trabalhos de campo com o objetivo de elaborar categorias a partir de pontos de vistas particulares. A mobilização de vários casos fariam emergir características que permaneceriam invisíveis em um exame isolado do fenômeno. Nesse sentido, parece retomar uma proposição feita por Becker (2009) em estudo sobre carreiras desviantes. O sociólogo norte-americano defende a sistematização de conceitos aplicáveis em diferentes situações de trabalho etnográfico como forma de avançar na produção de conhecimento.

Sugerimos, finalmente, que a noção de carreira seja complementada com análises sobre as escolhas realizadas pelos indivíduos no decorrer de suas práticas e com o processo de atribuição de rótulos (Becker, 2009) ou reputações (Becker, 1982) no âmbito de um mundo social. Tais conceitos visam remeter à dimensão coletiva do universo profissional e associa as trajetórias individuais aos processos de interação simbólica realizadas entre diferentes atores. A ideia é que subjacente a essas interações reside um processo mais denso de negociação de convenções que possibilitam o funcionamento de um mundo social.

## **5. Conclusões**

Neste artigo discutimos algumas aplicações da noção de carreiras profissionais para estudos no campo do Jornalismo. Trabalhamos no sentido de explorar teoricamente diferentes possibilidades, sem deixar de dialogar com alguns estudos empíricos em que o conceito é revisitado.

Nossas considerações, nesse sentido, dirigem-se em às possibilidades e limitações de estudos sobre carreiras profissionais:

a) Por um lado, trata-se de um conceito suficientemente maleável para permitir múltiplos desenhos metodológicos, bem como a aplicação em diferentes objetos de estudo no jornalismo;

b) O estudo de carreiras profissionais teria capacidade de se constituir no que Robert Merton (1970) chama de “Teoria Sociológica de Médio Alcance”, conectando pressupostos teóricos mais gerais a estudos empíricos sobre objetos específicos;



c) Nesse sentido, permite a estruturação de projetos de pesquisa de maior porte, incluindo estudos interdisciplinares (entre carreiras profissionais) e transnacionais;

d) Oferece uma alternativa na compreensão da identidade profissional – dispersa em uma multiplicidade de estatutos e práticas profissionais – sem, cair em um discurso funcionalista, calcado em tipologias profissionais (o jornalismo como informante, mediador, representante do quarto poder, etc.);

e) Por outro lado, a liberdade na aplicação do conceito pode levar à produção de estudos sem sistematicidade, que tendem a reforçar percepções de senso comum ou discursos de ordem normativa e/ou corporativa;

f) Finalmente, chamamos a atenção para a importância de se aplicar o conceito para a análise de carreiras alternativas e desviantes, partindo da ideia de que os fenômenos de marginalização e rotulação podem ser indicativos de um quadro mais geral de criação, preservação e mudança de bases convencionais o jornalismo.

## Referências

ADGHIRNI, Z. L. O lugar do jornalismo na Comunicação. **Líbero**, São Paulo, v. 9, p. 51-62, 2006.

ADGHIRNI, Z. L. Blogs: a invasão dos profanos do mundo digital na esfera sagrada do jornalismo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE JORNALISMO, 6, 2008, São Paulo. **Anais...** Brasília: SBPJor, 2008. 1 CD-ROM;

BECKER, H. **Art worlds**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1982.

BECKER, H. **Outsiders**. Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BLUMER, H. **El interaccionismo simbólico**. Perspectiva y Método. Barcelona: Hora, 1982.

DARMON, M. La notion de carrière: un instrument interactionniste d'objectivation. **Politix**, vol. 21, n° 82, p. 149-167, 2008.

ELLIOTT, P. Media Organizations and Occupations: an overview. In: in CURRAN, J; GUREVITCH, M. e WOOLLACOTT, J. **Mass Communication and Society**. Londres: Edward Arnold, 1977, p. 142-173.

FRITH, S e MEECH, P. Becoming a journalist. Journalist education and journalism culture. **Journalism**, Vol. 8, p. 137-163, 2007.

HUGHES, E. The Professions in Society. **The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue Canadienne d'Economique et de Science Politique**, Vol 26, n°. 01, p. 56-61, 1960.



GONÇALVES, R. M. F. **O superhomem pendura o paletó na repartição**: a gênese do jornalista legislativo. 2010. 289f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

JORGE, T. M. ; PEREIRA, F. H. . Jornalismo on-line no Brasil: reflexões sobre perfil do profissional multimídia. **Famecos**, Porto Alegre, v. 1, p. 57-62, 2009.

MARCHETTI, D. e RUELLAN, D. **Devenir journalistes. Sociologie de l'entrée sur le marché du travail**. Paris, La Documentation française, 2001.

MERTON, R. **Sociologia: Teoria e Estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

PEREIRA, F. H. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil**: identidades, práticas e transformações no mundo social. 2008. 469f. Tese (Doutorado em Comunicação)- Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PETRARCA, F. R. Carreira militante, inserção profissional e exercício do jornalismo no Rio Grande do Sul. **Política e sociedade**, nº 13, 311-329, 2008.

RIEFFEL, R. **L'élite des journalistes**. Paris: PUF, 1984.

ROCHA, P. M. A profissionalização no jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no estado de São Paulo. **Revista jurídica eletrônica Unic**, nº 2, 2005, 10 p. Disponível em: <[www.revistajuridicaunicoc.com/midia/arquivos/ArquivoID\\_51.pdf](http://www.revistajuridicaunicoc.com/midia/arquivos/ArquivoID_51.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2011.

SANT'ANNA, F. C. C. M. **Mídia das Fontes**: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro. Um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal. Brasília: Edições Técnicas do Senado Federal, 2009.

SANTOS-SANIZ, M. **L'élite journalistique et son pouvoir**. Paris: Apogée, 2006.

SILVEIRA, J. R. **O Jornalista na Comunicação das Organizações**: cultural profissional e autopercepção. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação)- Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

STRAUSS, A. L. **Miroirs et masques**. Une introduction à l'interactionnisme. Paris: Métailié, 1992.

TREANTON, J-R. Le concept de carrière. **Revue Française de Sociologie**, 1-1, p. 79-80, 1960.